

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

16 e 29 de Janeiro de 2026

The Happy Years / 1950

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Harry Ruskin e John Meehan (*não creditado*), baseado em “Lawrenceville School Stories”, de Owen Johnson *Fotografia* (35 mm, Technicolor): Paul C. Vogel *Som:* Douglas Shearer (Western Electric), Francis Scheid *Montagem:* Jack Dunning *Supervisão da montagem:* Margareth Booth *Direção Artística:* Cedric Gibbons, Daniel B. Cathcart *Cenografia:* Edwin B. Willis *Guarda-roupa:* Walter Plunkett *Caracterização:* Jack Dawri *Efeitos especiais:* Warren Newcombe *Consultor de cor:* Henri Jaffa, James Gooch *Consultor para os combates:* Johnny Indrisano *Música original:* Leigh Harline *Canções:* Out on the Esplanade, Ewing, All Saint’s Now, On Memorial Steps, In Olden Days, *Assistente de realização:* Bert Glazer *Interpretação:* Dean Stockwell (John Humperdinck Stover), Darryl Hickman (George “Tough” McCarty), Scotty Beckett (Tennessee Shad), Leon Ames (Samuel H. Stover Jr.), Margalo Gilmore (Sra. Stover), Leo G. Carroll (Sr. Hopkins, “The Old Roman”), Donn Gift (Joshua, “The Great Big Man”), Peter Thompson (Sambo), Jerry Mickelsen (Cheyenne Baxter), Aline Dinehart III (“The Coffee Colored Angel”), David Blair (“The White Mountain Canary”), Danny Mummert (Butsey White), Eddie Le Roy (Poler Beekstein), George Chandler (Johnny), Caludia Barrett (Miss Dolly Travers), Dwayne Hickman, Eleanor Donahue, Tim Wellman, etc.

Produção: MGM (EUA, 1950) *Produtor:* Carey Wilson *Títulos de trabalho:* Dirk Stover; The Lawrenceville Stories; You’re Only Young Once *Título de reposição:* The Adventure of Young Dick Stover *Cópia:* George Eastman House, 35 mm, Technicolor, falado em inglês e legendada electronicamente em português *Duração:* 109 minutos *Estreia Mundial:* 24 de Maio de 1950, Lowe State Theater, Nova Iorque *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca:* 17 de Novembro de 1993 (“Redescobrir William A. Wellman”).

The Happy Years é um típico produto da “Americana”, um género peculiar que reúne as incursões no passado próximo dos EUA e corresponde à outra “face” do western, na medida em que tem por localização temporal a segunda metade do século XIX, mas no seu caso referindo-se à vida nas regiões do Sul ou nas cidades em vias de desenvolvimento, e a localização espiritual é a dessa vaga memória que envolve de roupagens líricas e saudosas a evocação do passado, os tais “bons velhos tempos”, que o não foram, mas que a recordação transformou porque se refere à fase da infância. Quando **The Happy Years** surge, este género tão peculiar tinha já dado algumas obras-primas ao cinema, de vários filmes de Griffith (como **True Heart Susie**) e Henry King (**Tol’ Able David**), que foi, aliás, um dos mestres da “Americana”, a Ford (**Judge Priest**, **Steamboat 'Round the Bend**), mas a cor, que começa a impor-se a partir de 1935, traz uma nova força ao género, com a rica paleta cromática que o Technicolor oferecia. Se bem que Ford e Jacques Tourneur voltem a usar o preto-e-branco no género no ano seguinte ao filme de Wellman, em duas obras geniais, respectivamente **The Sun Shines Bright** e **Stars in My Crown**, a cor vem transformar este tipo de filmes numa verdadeira festa para os olhos, como são **The Adventures of Tom Sawyer**, de Norman Taurog, **Meet Me in Saint Louis** (a que Wellman vai buscar o mesmo actor para o papel do chefe de família, Leon Ames) e **Centennial Summer**, de Otto Preminger.

Se neste caso o género surpreende é porque ele é raro na obra de Wellman (aliás, dos que conhecemos não existe outro semelhante, a não ser, por uma certa aproximação espiritual que terá que ver, talvez, com o facto de ter a infância como tema, a sua obra-prima que é **Good-bye, My Lady**). Menos surpreendente é o tema: a infância. Wellman foi um dos melhores e hábeis narradores desta fase da vida como o provaram **The Wild Boys of the Road**, **The Happy Years** e **Good-bye, My Lady**.

The Happy Years, cujo começo, a atmosfera de fim de século XIX numa cidade americana (aqui New Jersey), nos reenvia de imediato para **Meet Me in Saint Louis** (de tal modo que as primeiras cenas domésticas, com o mesmo Leon Ames quase deixam prever uma espécie de nova versão) é uma adaptação das famosas “The Lawrenceville School Stories” de Owen Johnson, cuja leitura era uma das paixões de Wellman, dada a forma como se identificava com os jovens alunos, de infância semelhante à sua. O argumento vai além do livro adaptado, incluindo experiências do próprio realizador, que incluiu um dos filhos no filme (Tim Wellman). Aliás, a época em que decorre o filme, 1896, corresponde à data de nascimento de Wellman, e os seus anos de escola não terão sido muito diferentes.

Para além desta memória do passado, **The Happy Years** é percorrido por um tema vincadamente wellmaniano: as relações dentro de um determinado grupo humano. Deste ponto de vista, **The Happy Years** não é muito diferente de **Battleground** e **Across the Wide Missouri**, entre os quais se situa. A diferença é a época e a idade dos personagens. No resto encontramos o mesmo espírito de grupo e, principalmente, a relação de amizade que nasce da rivalidade. E o espírito de grupo manifesta-se nas “operações” em conjunto quer seja o jogo de futebol americano, quer sejam as partidas (as irresistíveis “apresentações” em conjunto às raparigas). E também as mesmas particularidades cómicas: as orelhas que abanam de um dos garotos, servindo de indicação para as respostas do jovem Stover ao professor, têm o equivalente na dentadura postiça (que também serve de aviso e de partidas) do soldado de **Battleground**. Também aqui, o grupo é visto em conjunto, formando uma unidade. O jovem Stover apenas se distingue por ser o ponto de referência da evocação (como era Ernie Pyle em **The Story of G.I. Joe**). E se ainda houvesse dúvidas, **The Happy Years** mostra a maestria de Wellman na direcção de actores, tanto mais crianças que são as mais difíceis de dirigir. Wellman contou que as filmagens lhe puseram a cabeça em água, chegando ao fim do dia a dizer aos filhos que “já estava a ficar velho para isto”. E Dean Stockwell, que o cinéfilo hoje bem conhece como um dos melhores actores secundários (**Dune**, **Blue Velvet**, etc.) tem aqui o seu melhor trabalho de jovem, ao lado de **The Boy With de Green Hair**, de Joseph Losey e **Down To the Sea in Ships**, de Henry Hathaway.

Manuel Cintra Ferreira